

THEODORO CESAR DE OLIVEIRA SPOSITO

## CRÍTICAS *MAINSTREAM*, RESPOSTAS HETERODOXAS: UMA DEFESA NORMATIVA DO PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA

Recebido em 12/05/2023

Aprovado em 05/07/2023

# CRÍTICAS *MAINSTREAM*, RESPOSTAS HETERODOXAS: UMA DEFESA NORMATIVA DO PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA

## Resumo

A crise financeira global de 2008 levou a uma maior discussão sobre a importância do pluralismo na ciência econômica, com apelos públicos para uma maior diversidade de pontos de vista. No entanto, mesmo passados 15 anos, a ciência econômica continua pouco aberta a novas abordagens metodológicas e epistemológicas, enquanto as perspectivas pluralistas são alvo de intensa contestação. Este artigo confronta as críticas recorrentes ao pluralismo na ciência econômica por economistas *mainstream* com possíveis respostas heterodoxas a cada ponto. Defendemos a importância do pluralismo como fundamental para a integridade, capacidade de resposta e credibilidade da disciplina de economia face ao mundo real e todas as suas complexidades.

THEODORO CESAR  
DE OLIVEIRA  
SPOSITO

Graduado em Economia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atualmente mestrando em Teoria Econômica no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE/Unicamp) e doutorando em Economia do Desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná (PPGDE/ UFPR), Curitiba/PR, Brasil. Bolsista do Programa de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Brasil.

Email: [theosposito@gmail.com](mailto:theosposito@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0626-7342>

**Palavras-Chave:** diversidade de perspectivas; apelo ao pluralismo; economia heterodoxa; economia *mainstream*

## **Abstract**

The 2008 global financial crisis led to greater discussion about the importance of pluralism in economics, with public calls for a greater diversity of perspectives. However, even after 15 years, economics is still not very open to new methodological and epistemological approaches, while pluralist perspectives are the target of intense contestation. This article confronts the recurrent criticisms of pluralism in economics by mainstream economists with possible heterodox responses to each point. We defend the importance of pluralism as fundamental to the integrity, responsiveness and credibility of the discipline of economics in the face of the real world and all its complexities.

**Keywords:** diversity of perspectives; appeal to pluralism; heterodox economics; mainstream economics

## Introdução

O pluralismo é um conceito normativo: requer referências e motivações específicas para um certo grau de pluralidade (GRÄBNER & STRUNK, 2020)<sup>1</sup>. Essas motivações podem envolver questões éticas, epistemológicas, ontológicas ou mesmo pragmáticas (*ibid.*). Como observou Sheila Dow (2008), entender o pluralismo na ciência econômica implica compreender um conjunto central de princípios que devem orientar a prática econômica. Dobusch & Kapeller (2012) tomam esse ponto como marco inicial e enfatizam a necessidade de maior integração teórica e colaboração institucional entre as diferentes tradições econômicas. Eles sugerem que tais princípios devem ser guiados pela promoção de um ambiente acadêmico no qual a coexistência de diferentes abordagens da economia não seja apenas incentivada, mas “praticada em um ambiente cordial e solidário” (DOBUSCH & KAPELLER, 2012, p. 1053).

Incentivos dessa natureza envolvem a incorporação de uma variedade de estratégias pedagógicas que abrangem tanto o modo como a economia é ensinada quanto o conteúdo que é ensinado (DOW, 2018). Nesse sentido, um currículo pluralista deve abarcar diferentes abordagens da economia e indicar que nenhuma abordagem pode reivindicar a verdade, uma vez que pressupõe que todas as teorias econômicas são passíveis de contestação (DOW, 2009). Segundo a autora, essa abordagem auxilia no desenvolvimento das habilidades necessárias para a tomada de decisões políticas por parte dos alunos (*ibid.*)<sup>2</sup>.

O apelo por maior pluralismo encontra bases sólidas na história da ciência econômica (GARNETT *et al.*, 2010). A crise financeira de 2008 desencadeou a onda mais recente e significativa de apelos em prol do pluralismo. Anteriormente a esse evento, as críticas à abordagem convencional da economia estavam limitadas a grupos marginais de economistas heterodoxos e a publicações em jornais heterodoxos de baixa circulação. Contudo, a crise

---

<sup>1</sup> Para uma discussão dos conceitos de pluralismo e pluralidade, ver Maki (1997).

<sup>2</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre os benefícios de uma abordagem pluralista de ensino, consulte Groenewegen (2007) e Jack Reardon (2009).

revelou as deficiências da abordagem predominante e tornou-se uma questão de interesse público. Desde então, tanto a profissão de economista quanto a economia acadêmica tradicional têm sido alvo de críticas severas tanto de dentro quanto de fora da heterodoxia (BERTOCCO, 2017; CHUN, 2017; PAYSON, 2017).

Uma década e meia após a crise, entretanto, os apelos por maior pluralismo na ciência econômica frequentemente enfrentam críticas por parte dos economistas convencionais. De acordo com Claudius Gräbner e Birte Strunk (2020), existem quatro tipos de críticas mais comuns: (I) a alegação de que existe um *trade-off* entre diversidade e consenso; (II) a afirmação de que a ciência econômica já é pluralista; (III) a argumentação de que, se houvesse uma necessidade de maior pluralidade, ela surgiria naturalmente; (IV) a alegação de que o pluralismo implica “vale tudo”, ou seja, a ausência de rigor.

Este ensaio contesta a crítica convencional com possíveis respostas heterodoxas. Portanto, a estrutura argumentativa deste artigo está dividida em quatro seções, além da introdução e das considerações finais. Na seção 1, discutimos o pluralismo na ciência econômica em seus domínios epistemológico, metodológico e ontológico; na seção 2, revisamos brevemente a história do apelo ao pluralismo na ciência econômica e suas motivações; na seção 3, discutimos as objeções dos economistas tradicionais ao pluralismo e seus principais argumentos e os comparamos com as respostas encontradas na literatura heterodoxa; finalmente, na seção 4, apresentamos uma defesa normativa do pluralismo na ciência econômica.

## **I. Tipologia das práticas pluralistas, domínios do pluralismo e conceitos adjacentes importantes**

Nesta seção, exploraremos a tipologia das práticas pluralistas e os domínios nos quais o pluralismo pode ser observado. Além disso, abordaremos conceitos-chave que são fundamentais para compreendermos o contexto em que ocorrem os debates entre diferentes abordagens econômicas.

## 1.1 Tipologia de práticas pluralísticas e domínios do pluralismo

A literatura destaca três tipos comuns de práticas pluralistas (DOBUSCH & KAPELLER, 2012), que são apresentados na Tabela 1.

**Tabela 1: As práticas pluralistas mais comuns em economia**

<b>Prática pluralista</b>	<b>Descrição</b>
Egoísta	Pode ocorrer de várias maneiras, todas apontando para um sentido oportunista. Dobusch & Kapeller (2012) dão dois exemplos: (i) quando o pluralismo tem um caráter efêmero, ou seja, é aceitável por um certo período de tempo, mas não indefinidamente porque é entendido como inferior a outra(s) abordagem(ões) particular(es); ou (ii) quando o pluralismo é um exemplar de suporte retórico cuja função é garantir a sobrevivência de um determinado paradigma, “mas não para alcançar o discurso ecumênico ou qualquer tipo de integração teórica” (DOBUSCH & KAPELLER, p. 1043).
Desinteressada	Modo de coexistência pacífica entre diferentes tradições teóricas, abordagens metodológicas e doutrinas econômicas.
Interessada	Conjunto das incorporações e esforços para interagir construtivamente entre diferentes tradições teóricas para apresentar um conjunto aprimorado e ampliado de explicações relevantes.

Fonte: Adaptado de Dobusch & Kapeller (2012, p. 1044)

A literatura especializada apresenta convergência no que diz respeito à compreensão da pluralidade, sendo amplamente reconhecido que ela não é uma questão de “tudo ou nada” (GRÄBNER & STRUNK, 2020, p. 2). Isso implica, sobretudo, que o grau de pluralidade é relevante. No campo da economia, as abordagens e métodos podem ser considerados como complementares ou substitutivos (MAKI, 1997), e a literatura tem enfatizado

que a tolerância em relação a reivindicações rivais (ou substitutivas) ao paradigma dominante é significativamente menor do que a tolerância para reivindicações complementares. Em última análise, isso significa que um ambiente acadêmico pluralista exige um nível mais elevado de pluralismo para abordagens substitutivas do que para abordagens complementares (GRÄBNER & STRUNK, 2020)<sup>3</sup>.

Conforme argumentado por Gräbner & Strunk (2020), abordagens que se limitam a contribuir para tópicos alternativos não afetam significativamente o grau geral de pluralidade na disciplina, uma vez que suas contribuições expressam essencialmente perspectivas complementares. Seguindo essa mesma lógica, considerar abordagens que empregam metodologias substitutivas baseadas em diferentes epistemologias tem um impacto considerável quando são levadas em conta, exigindo um nível mais elevado de pluralidade geral para serem aceitas. É importante destacar neste ponto que a maioria dos pluralistas (senão todos) não deseja um aumento ilimitado no grau geral de pluralidade (CALDWELL, 1988, 1997; MAKI, 1997; MARQUÉS & WEISMAN, 2008), uma vez que existe um *trade-off* entre diversidade e consenso que tem implicações sérias para o controle de qualidade na ciência e na comunicação (GRÄBNER & STRUNK, 2020).

Independentemente da tipologia de prática pluralista que está sendo defendida, a literatura destaca três linhas principais de argumentação que orientam os esforços para racionalizar o apelo pluralista:

---

<sup>3</sup> Um exemplo ilustrativo disso pode ser observado no campo da economia comportamental. Essa vertente surgiu como uma oposição aos pressupostos neoclássicos na teoria da escolha e, atualmente, apresenta duas perspectivas distintas. Por um lado, uma parte desse campo de pesquisa foi aceita e incorporada ao mainstream, contando com representantes de destaque, como Ernst Fehr, Klaus M. Schmidt e o ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 2017 Richard Thaler. Por outro lado, a outra perspectiva, que inclui Gerd Gigerenzer e Kumaraswamy Velupillai entre seus seguidores, não encontrou o mesmo reconhecimento na economia convencional, apesar de sua sólida reputação em outras disciplinas, como psicologia, estatística e ciência da computação. Por que isso aconteceu? Existem várias explicações possíveis e todas podem ser corretas. Uma delas certamente está relacionada ao fato de que o primeiro grupo desenvolveu uma abordagem capaz de conciliar os novos pressupostos comportamentais com os modelos tradicionais de maximização da utilidade (BENARTZI & THALER, 2007; FEHR & SCHMIDT, 1999; FEHR & SCHMIDT, 2010), enquanto o outro grupo argumenta que o próprio conceito de otimização está equivocado (GIGERENZER & BERG, 2010; GIGERENZER & GAISSMAIER, 2011; GIGERENZER & SELTEN, 2002). Em resumo, a abordagem complementar ao paradigma dominante foi mais prontamente aceita do que a abordagem substitutiva.

### **Pluralismo epistemológico**

O princípio fundamental do pluralismo epistemológico é a noção de que a ciência busca fornecer conhecimento confiável. Nesse sentido, os cientistas têm a tarefa de distinguir entre explicações melhores e piores, reconhecendo que todas as explicações são primariamente passíveis de falsificação. Por envolver implicitamente a rejeição do dogmatismo (DOBUSCH & KAPPELLER, 2012), um ambiente acadêmico epistemologicamente pluralista requer que explicações concorrentes sejam representadas de forma relativamente uniforme no discurso acadêmico (POPPER, 2005 [1935]; HANS, 1985; MEARMAN, 2011). O debate contemporâneo em torno desse conceito, sistematizado por Claudius Gräbner & Birte Strunk (2020), concentra-se nas questões de equilíbrio epistemológico entre diversidade e consenso, cujas principais implicações estão nos debates sobre o controle de qualidade na pesquisa e na comunicação em economia.

Devemos atentar, contudo, que o apelo por maior pluralismo epistemológico vai além desse debate, pois reconhece a importância de incorporar uma variedade de perspectivas e metodologias na produção de conhecimento científico. Ele promove a abertura para diferentes formas de abordar e entender os fenômenos estudados, reconhecendo que diferentes tradições teóricas e metodológicas podem contribuir para uma compreensão mais completa e contextualizada da realidade. Essa abordagem pluralista valoriza a diversidade de ideias e teorias, bem como a busca por consensos fundamentados em evidências sólidas.

### **Pluralismo ontológico**

A ontologia abrange a investigação aprofundada da essência última da realidade social e engloba o estudo das entidades presentes no mundo social. Todas as teorias científicas, incluindo aquela referente à economia, incorporam pressupostos ontológicos acerca do mundo social e das entidades que o constituem. Considerando que a economia é uma ciência social situada historicamente e lida com um sistema econômico específico, nomeadamente o



capitalismo, adeptos dessa vertente de pluralismo defendem ser necessário que sua ontologia seja adequada para a análise do capitalismo enquanto sistema social (BADDEN, 2013).

Nesse sentido, a noção de que a ciência econômica precisa promover a compreensão de que a realidade social é multifacetada e, portanto, requer uma variedade de perspectivas para ser capturada (NORGAARD 1989; SAMUEELS, 1998) está no centro desses apelos. Entre os avanços recentes nessa área, destaca-se na discussão o surgimento da teoria da complexidade. Nesse contexto, as contribuições recentes de Petter Törnberg (2018), que une o realismo crítico (nas palavras do autor, o “denominador comum de abordagens heterodoxas” [TÖRNBERG, 2018, p. 3]) e a teoria da complexidade sob o guarda-chuva de realismo (ANDERSSON *et al.*, 2014), são dignas de nota. Com base nisso, ele propõe um fundamento ontológico para o desenho deliberado do arcabouço pluralista: o que o autor chama de “Economia Realista Complexa” ou “fundamento ontológico consistente para um pluralismo interessado” (TÖRNBERG, 2018, p. 1).

### **Pluralismo metodológico**

No cerne dos apelos por maior pluralismo metodológico reside a noção de que cada problema de pesquisa é único e requer uma abordagem de estudo adequada. Em consonância a isto, a literatura especializada tem ressaltado os benefícios potenciais da diversificação das estratégias de pesquisa, enfatizando casos em que o método é determinado pelo problema em questão, e não o contrário (BIGO, 2010; DOW, 2008; LAWSON, 2004; NORGAARD, 1988; SAMUEELS, 1998). No campo da economia ecológica, Goddard *et al.* (2019) salientam a importância de manter múltiplas perspectivas metodológicas diante do atual contexto de incerteza e intensas mudanças climáticas no planeta. Segundo os autores, os economistas ecológicos devem adotar crenças orientadoras centradas na biosfera, equidade e cuidado, ao mesmo tempo que praticam o pluralismo estruturado (*ibidem*, p. 1). Na área da economia urbana, um exemplo recente é discutido por Van-Heur & Bassens (2021), que abordam um conjunto de metodologias

distintas utilizadas no mapeamento das elites urbanas. Os autores ressaltam os benefícios do pluralismo metodológico nesse campo de estudo.

## 1.2 Conceitos adjacentes importantes

Definições taxonômicas são cruciais para a formação de comunidades epistêmicas de pesquisa, pois permitem nomear conceitos e grupos epistêmicos (HODGSON, 2021). Nessa linha, a compreensão do debate sobre o pluralismo na ciência econômica inevitavelmente se choca taxonomicamente com os conceitos de (a) economia neoclássica, (b) economia ortodoxa, (c) economia *mainstream* e (d) economia heterodoxa, independentemente da tipologia de pluralismo considerada. Acerca destes, a literatura sobre pluralismo apresenta várias tentativas de definição, conceituação e aplicação (BOLAND, 2005 [1997]; DAVIS, 2006; DOW, 2018; BECKENBACH, 2018). Embora parte do trabalho trate as categorias “a”, “b” e “c” como equivalentes (BOLAND, 2005 [1997], capítulo 5; LAWSON, 2006) ou até mesmo como sinônimos (WILLIAMSON, 2000; BECKENBACH, 2018), as definições que enfatizam as diferenças entre eles são mais bem aceitas.

Isso se deve em grande parte à influência exercida pela obra solitária de David Colander (1996, 2000, 2003, 2009a e 2009b) e em colaboração com Richard Hold e John Rosser (COLANDER *et al.*, 2004 e 2007), bem como as contribuições de David Dequech (2007, 2018), amplamente referenciadas. Segundo Dequech (2007), a raiz da confusão em torno dos termos “a”, “b” e “c” está nas dificuldades encontradas em distinguir categorias mais gerais de categorias mais específicas, o que é, pelo menos em certa medida, relacionado com a frequente falta de clareza sobre o alcance temporal dos termos (DEQUECH, 2007, p. 280)<sup>4</sup>.

A categoria “d”, por sua vez, pode ser definida de várias maneiras. A maior parte da literatura a define negativamente, em contraste intelectual com “b” ou sociologicamente em contraste com “c”, também influenciada por David

<sup>4</sup> Quando William Gouge (1833) utiliza os termos “economia ortodoxa” e “economistas ortodoxos” ao examinar a história do papel-moeda nos Estados Unidos até 1833, o autor certamente não está se referindo à economia neoclássica, que não existia naquela época, mas sim à economia clássica, que ainda era dominante. Embora o exemplo seja absurdo devido ao horizonte de tempo utilizado, o fato de a economia neoclássica ter mudado ao longo do tempo (DEQUECH, 2007) pode ser enquadrado na mesma situação.

Colander e David Dequech. A menor porção da literatura define a heterodoxia positivamente, como uma alternativa intelectual à economia ortodoxa e/ou uma alternativa sociológica à economia convencional (DUTT, 2003; LAVOIE, 2006; LAWSON, 2006; O'HARA, 2007; STOCKH & RAMSKOGLER, 2009; LEE, 2008, 2009 e 2011). Este tópico abordará essas questões.

### **Economia neoclássica e economia ortodoxa**

Segundo a maioria dos autores, a categoria “economia ortodoxa” é uma categoria intelectual transitória porque “designa a corrente de pensamento predominante mais atual” (COLANDER *et al.*, 2004, p. 490). O aspecto temporal é esclarecido pelos mesmos autores, que acrescentam que a designação e especificação do que é ortodoxo costuma ocorrer décadas depois do tempo em que a ortodoxia deveria ter existido (*ibid.*). Quando surge uma nova ortodoxia, eles concluem, “a verdadeira ortodoxia geralmente não tem nome” (*ibid.*). Como tal, as especificações ortodoxas são inevitavelmente voltadas para o passado e não atuais ou voltadas para o futuro. Por isso economia neoclássica e economia ortodoxa significam estritamente a mesma coisa no período atual (SCARPANTI & ZAMAGNI, 1995).

Historicamente, a posição de paradigma dominante foi mantida pela escola neoclássica desde os anos 1900 até os dias atuais. Os pioneiros do Neoclassicismo foram responsáveis por estabelecer uma disciplina econômica que diferia da economia clássica (a abordagem ortodoxa da época) e a definia como teórica e – nesse sentido – universal e geral. A economia “pura”, como Walras (1926 [1874]) a chamou, foi um exemplo da “física social newtoniana”, que visava usar procedimentos matemáticos para chegar a leis<sup>5</sup>. No entanto, convém esclarecer, como apontam Dobusch & Kapeller (2009), que nos primeiros cinquenta anos provavelmente não se justificava falar em dominância completa, dada a grande influência que os paradigmas alternativos, em particular o institucionalismo, tiveram nos Estados Unidos no início do século, e o breve período keynesiano em meados do século. Com exceção desses períodos, prevaleceu o paradigma neoclássico.

<sup>5</sup> Em Jevons (1871, Introdução) lê-se: “É claro que a ciência econômica, para ser uma ciência, deve ser uma ciência matemática”.

Alguns autores (BOLAND, 1997; LEE & KEE, 2004; LAWSON, 2006; BOGENHOLD, 2010) propõem uma definição sociológica da economia ortodoxa, além das definições históricas de natureza intelectual. Para eles, a economia neoclássica ortodoxa é equivalente à economia *mainstream*. Essa interpretação se baseia em três argumentos: (I) a perspectiva neoclássica predomina na maior parte do ensino de graduação e pós-graduação (LEE & KEE, 2004); (II) economistas, conferências e revistas neoclássicas ocupam a maior parte do espaço científico (DOBUSCH & KAPELLER, 2009); e (III) há forte resistência a novas ideias (AKERLOF, 2020).

### **Economia heterodoxa**

A economia heterodoxa é mais heterogênea e fragmentada do que a economia ortodoxa, com pelo menos 14 abordagens que diferem em termos de processo de produção de conhecimento, referências e citações (LAVOIE, 2014). Além disso, as várias escolas de pensamento que compõem a heterodoxia não são totalmente consistentes nem facilmente definidas (DOBUSCH & KAPELLER, 2012).

Assim, a economia heterodoxa é geralmente definida negativamente, ou seja, em contraste com a economia ortodoxa/neoclássica (quando definida intelectualmente) e em contraste com a economia dominante (quando definida sociologicamente). Em sua definição intelectual, representa uma oposição a Max U e suas ideias derivadas (COLANDER *et al.*, 2004; DEQUECH, 2007; HODGSON, 2021). A definição sociológica negativa de heterodoxia sinaliza um “inimigo comum” e uma marginalização comum no *mainstream*. Ambas as definições negativas dão grande importância ao que se quer combater ou criticar.

Diante desse pano de fundo, várias tentativas foram feitas para definir positivamente a economia heterodoxa; os esforços para integrar o amplo espectro de escolas heterodoxas sob um guarda-chuva pluralista comum ocorreram em duas frentes principais, identificando (I) semelhanças ontológicas (BIGO e NEGRU, 2008; CALDWELL, 2004; LAWSOMN, 2006) e (II) semelhanças metodológicas (DOW, 2004, 2008). Independentemente de

qual lado é invocado, sempre é feita referência às contribuições seminais de Tony Lawson (2006, 2008) e Frederic S. Lee (2008, 2009 e 2010).

Em suma, enquanto as contribuições de Tony Lawson apontam para uma espécie de divisão de trabalho entre as várias escolas de pensamento que constituem a heterodoxia, as contribuições de Frederic S. Lee se concentram na identificação de contribuições ecumênicas ou comuns entre as várias abordagens, fornecendo assim o ponto de partida para a construção de uma definição de economia heterodoxa que leva em conta aspectos comuns. Nas próprias palavras de Frederic S. Lee:

Como observei em vários artigos, economia heterodoxa é um termo específico, como economia política clássica ou economia neoclássica, que se refere a um conjunto particular de teorias contemporâneas que explicam o processo de provisão social, a recomendações de políticas econômicas baseadas nessas teorias e a uma comunidade de economistas engajados nessa atividade científica teórica e aplicada. A economia heterodoxa é assim definida (pelo menos nas últimas duas décadas) não negativamente, como uma oposição ou dualidade à ciência econômica convencional, mas como uma alternativa positiva a ela (LEE, 2012, p. 106, tradução própria).

Ambas as perspectivas têm feito esforços importantes: Bigo e Negru (2008), O'Hara (2008) e Törnberg (2018) na linha ontológica de Lawson; e Lavoie (2006) e Stockhammer & Ramskogler (2009) na linha de Frederic Lee são bons exemplos. Nenhuma das direções, porém, é unânime. Enquanto a divisão proposta por Lawson encontra sérios problemas relacionados a conflitos de interesse: qual escola heterodoxa se importará com a moeda? pós-keynesianos? austríacos? e no contexto das relações de poder, a quem caberão essas questões? com os velhos institucionalistas ou com os marxistas?... São perguntas recorrentes para as quais não há boas respostas. A União defendida por Frederic S. Lee também é alvo de várias objeções, por exemplo: como conciliar o pleno emprego pós-keynesiano com o crescimento limitado defendido pela economia ecológica? Essas são questões espinhosas que Lee teria que implementar em sua proposta. Mesmo que tais problemas permaneçam sem solução, é possível apontar pontos

comuns compartilhados por todas as correntes heterodoxas da economia (BECKENBACH, 2018). A Tabela 2 traz um resumo desses pontos.

**Tabela 2: Ideias comuns às abordagens heterodoxas**

<b>Ideias</b>	<b>Descrição</b>
A economia heterodoxa é necessária	O estabelecimento de um paradigma concorrente ao paradigma vigente é um objetivo comum das várias escolas heterodoxas de pensamento.
Menos individualismo e mais holismo metodológico	O entendimento de que a economia é composta por um conjunto de fenômenos sociais mais complexos e multifacetados do que sugere a perspectiva individualista presente no mainstream é consensual a todas as perspectivas heterodoxas, assim como o entendimento de que abordagens holísticas desses fenômenos produzem melhor resultado analítico;
Relacionar diferentes espaços de estado para a seleção de procedimentos de decisão apropriados	De acordo com a interpretação de Beckenbach (2018), o principal tópico da abordagem heterodoxa é relacionar diferentes espaços de estado com a seleção de procedimentos de decisão apropriados. Nem espaços de estado “difíceis” (grandes, complexos ou mesmo incertos) nem formas subconscientes de decidir e agir (por exemplo, rotinas) são excluídos (BECKENBACH, 2018); <i>O homo economicus</i> representativo é consensualmente rejeitado por abordagens heterodoxas, que entendem o comportamento dos indivíduos e a tomada de decisão a partir de condições fundamentalmente incertas
A oposição à noção neoclássica de racionalidade	Isso significa, segundo Beckenbach (2018), que tanto os agentes “plausíveis” quanto os modos “plausíveis” de interação determinam a ordem das atividades econômicas como um todo sem sobrepor restrições que garantam uma estrutura desejada desse resultado
Explicar as características dos resultados econômicos de baixo para cima	A ênfase nos aspectos históricos e na influência da história no estado atual da economia é compartilhada por todas as abordagens heterodoxas representando um de seus temas mais importantes. Segundo Beckenbach (2018), no âmbito heterodoxo, o dinheiro não representa simplesmente um véu na articulação de preferências mútuas, mas um mecanismo essencial para torná-las comparáveis. Por essa razão, explicar endogenamente a oferta e a demanda de moeda (em suas diferentes formas) deve desempenhar um papel de destaque nas análises heterodoxas, tanto na microeconomia quanto na macroeconomia.
Sensibilidade histórica	
Papel central do dinheiro na análise	

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Beckenbach (2018)

### **Economia *mainstream***

Desde os primeiros trabalhos de David Colander (1996, 2000, 2003), tem havido consenso generalizado na literatura de que a economia *mainstream* é uma categoria sociologicamente condicionada. De acordo com Colander *et al.* (2004), as ideias dominantes consistem naquelas mantidas por indivíduos influentes em instituições-chave, organizações e periódicos acadêmicos em um determinado momento, particularmente nas mais reconhecidas instituições de pesquisa de pós-graduação. Nesse sentido, os autores referem-se à economia *mainstream* como aquela considerada aceitável pela elite da profissão, formada essencialmente pelos economistas mais importantes das melhores escolas de pós-graduação. Dessa forma, enfatizam que *mainstream* “não é um termo que descreve uma escola historicamente condicionada, mas descreve as crenças que são consideradas intelectualmente sólidas e dignas de trabalho pelas melhores escolas e instituições na profissão” (COLANDER *et al.*, 2004, p. 490).

David Dequech (2007) complementa a definição de Colander *et al.* (2004), tornando-a menos restritiva, desenfaticando a importância dos economistas de elite. Para ele, o *mainstream* da economia é determinado por quatro níveis de prestígio: ensino em universidades renomadas, publicação em periódicos de prestígio, acesso às principais fontes de financiamento de pesquisa e prêmios acadêmicos de prestígio (DEQUECH, 2007). Adicionalmente, Dequech (2007) acrescenta que, além do caráter temporal destacado por Colander e seus coautores (2004), há também um caráter espacial que restringe o conceito de *mainstream*, segundo o qual a economia dominante pode variar conforme a localização (DEQUECH, 2007, 2018).

Do ponto de vista dos economistas que fazem parte do *mainstream*, ele possui três características básicas. Primeiro, o entendimento comum entre os pesquisadores de que apenas no *mainstream* a economia é realmente científica, muitas vezes equiparada às ciências físicas por utilizarem do “método científico” para desenvolver teorias baseadas em suposições simplificadoras e sua verificação (DOW, 2018). Em segundo lugar, o sentido de melhoria e

progresso constantes, baseado na crença de que o melhor do pensamento econômico está condensado no *mainstream* (*ibidem*). Nada nos parece ilustrar melhor esses pontos do que os comentários de Edward P. Lazear:

A ciência econômica não é apenas uma ciência social, é uma ciência genuína. Como as ciências físicas, a economia usa uma metodologia que produz implicações refutáveis e testa essas implicações usando técnicas estatísticas sólidas. Em particular, a ciência econômica enfatiza três fatores que a distinguem de outras ciências sociais. Os economistas usam a construção de indivíduos racionais que se engajam na maximização do comportamento. Os modelos econômicos aderem estritamente à importância do equilíbrio como parte de qualquer teoria. Finalmente, o foco na eficiência leva os economistas a fazerem perguntas que outras ciências sociais ignoram. Esses ingredientes permitiram que a ciência econômica invadisse o território intelectual antes considerado fora do domínio da disciplina (LAZEAR, 2000, p. 99, tradução própria).

Por fim, o desejo de legitimidade e respeitabilidade científica, que se manifesta na forma de formalização matemática (KATZNER, 2003, p. 564-565, citado por DEQUECH, 2007).

## 2. Breve história do apelo pluralista na ciência econômica

O apelo por maior pluralismo tem amplo respaldo na história da ciência econômica e pode ser organizado em três fases principais (Tabela 3).

**Tabela 3: Três etapas do apelo ao pluralismo na ciência econômica**

<b>Etapa</b>	<b>Características definidoras</b>	<b>Período</b>
Pós-macarthismo	Um movimento disperso que ocorreu em paralelo no quadro de várias escolas de pensamento heterodoxas que pouco tinham em comum	1970- 1980
Revoltas pós-kuhnianas	Processo intensificado de institucionalização da economia heterodoxa e o apelo de economistas proeminentes por mais pluralismo na ciência econômica.	1980-2000
Pós-2008	Desmoralizando a economia convencional no debate público e pedindo uma ciência econômica que lide com o "mundo real"	De 2008 até hoje

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Garnett *et al.* (2010)



De acordo com Robert Garnett *et al.* (2010), a primeira fase das reivindicações diretas ocorreu entre 1970 e 1980 e envolveu uma variedade de escolas heterodoxas que mostravam pouco ou nenhum interesse umas pelas outras. A segunda fase, anotam os mesmos autores, começou com as noções pós-kuhnianas de pluralismo, e a petição de Hodgson *et al.* (1992)<sup>6</sup> à *American Economic Review* foi o ponto decisivo nas discussões sobre pluralismo na ciência econômica. O caráter marginal da primeira onda pluralista é destacado por Dieter Boegenhold (2010), que descreve que a incipiente vanguarda pluralista da década de 1970, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, consistia em uma pequena fração de economistas pioneiros, enquanto a maioria da profissão continuava a “trabalhar, pesquisar e ensinar constantemente sobre tópicos convencionais da maneira tradicional, como sempre fizeram” (BOEGENHOLD, p. 1570).

Entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990, porém, o movimento ganhou intensidade, e um crescente conjunto de premissas da economia dominante tornou-se objeto de vigorosas críticas (*ibid.*). Nesse contexto, Hodgson (1994) sintetiza os principais objetivos como (I) suposição de comportamento racional e maximizador por agentes com uma função de preferência estável; (II) movimentos em direção a estados de equilíbrio; e (III) ausência de problemas crônicos de informação (HODGSON, 1998, p. 60).

Diferentemente da primeira onda, a segunda onda de reivindicações pluralistas teve maior integração e identificação entre escolas heterodoxas de pensamento. Nesse período, “economistas pós-keynesianos, marxistas radicais, evolucionistas institucionais, sociais e feministas reconheceram que, em termos de metodologia, teoria e política, eles tinham muito mais em comum do que diferenças” (LEE, 2012, p.104). A formação de uma identidade heterodoxa esteve intimamente relacionada com a construção de uma comunidade de economistas heterodoxos que, entre 1999 e 2004, se institucionalizaria nos

---

<sup>6</sup> O manifesto de Hodgson *et al.* (1992) foi assinado por 44 economistas renomados e pedia um novo espírito de pluralismo na economia, envolvendo conversas críticas e comunicação tolerante entre diferentes tipos de abordagens.

domínios da recém-formada *Association for Heterodox Economics, Society of Heterodox Economists e Heterodox Economics Newsletter* (LEE, 2009).

O terceiro e mais intenso boom de apelos pluralistas na ciência econômica foi causado pela crise de 2008. Se até 2008 as objeções à economia convencional estavam restritas a pequenos círculos críticos de economistas heterodoxos, a crise tornou as deficiências da abordagem dominante uma questão de interesse público. Desde então, intensas críticas foram desencadeadas à profissão de economista e à própria economia acadêmica tradicional (BERTOCCO, 2017; CHUN, 2017; PAYSON, 2017).

Na literatura econômica, vários trabalhos de economistas heterodoxos associaram a crise econômica a uma crise da economia convencional (DAVIDSON, 2009; HODGSON, 2009; LAWSON, 2009; BAZEMER, 2009, estão entre os mais influentes), identificando na crise uma oportunidade para mudança de paradigma. Mesmo fora da heterodoxia, autores influentes do mainstream admitiram a “falência sistemática da economia acadêmica” (COLANDER *et al.*, 2009). No debate público, Janice Peterson (2013) descreve como observadores fora da profissão retratam os economistas como personalidades antipáticas e arrogantes e expressam seu desdém pela profissão “por não prever crises ou fornecer conselhos úteis para respondê-las” (PETERSON, 2013, p. 401).<sup>7</sup>

Com isso, a ideia de que o ensino de economia deveria ser ampliado, baseado na realidade e embasado historicamente passou dos apelos marginais de economistas dissidentes para as páginas dos grandes jornais e para as telas das principais emissoras de TV, que desafiavam os

---

<sup>7</sup> Em “*Past Their Prime (Rate)*” (Newsweek, 2009, citado por Peterson, 2013), Joseph Epstein escreveu que a recessão revela um “declínio na economia econômica”. Em “*Sweep Economists off Their Throne*”, Gideon Rachman argumentou que “a vaidade dos economistas deve ser questionada. Acima de tudo, cresceu, “suas pretensões e rigor científicos – sustentados por modelos e equações – devem ser vistos com mais ceticismo” (Gideon Rachman, citado por Peterson, 2013). Até o Prêmio Nobel no ano da crise, Paul Krugman, declarou: “Vejo que a profissão de economista se desviou porque os economistas como um grupo confundiram a beleza, vestida de matemática de aparência impressionante, com verdade”. E continuou, prevendo que no futuro os economistas terão que “aprender a viver com o caos” ao desafiar pressupostos acalentados como a racionalidade do comportamento humano e a perfeição dos mercados (KRUGMAN, 2009, p. 37).

conhecimentos fundamentais adquiridos por estudantes de economia. Neste contexto, a integração de diferentes abordagens dentro da ciência econômica, a ligação da economia com outras disciplinas e, especialmente, a ligação da teoria econômica com a prática e a “vida real” foram discutidas em público e pressionaram o mundo acadêmico (PETERSON, 2013). Segundo a autora, os primeiros efeitos da crise (e, portanto, a pressão sobre a economia acadêmica convencional) surgiram nos primeiros meses de 2010 (*ibidem*).

Em janeiro daquele ano, a American Economic Association organizou o simpósio “*Teaching Macroeconomics after the Crisis*” [Ensino de macroeconomia após a crise], que ecoou diretamente uma variedade de preocupações e críticas à profissão que se tornaram predominantes no debate público (MCGOLDRICK & PETERSON, 2011); em setembro, o prestigioso jornal *The Economist* patrocinou uma discussão *on-line* sobre a crise e o ensino de economia. Além de exigir diretamente maior pluralismo na ciência econômica, a discussão também pedia maior inclusão da história econômica e do pensamento econômico no currículo de graduação em economia (PETERSON, 2013).

Em geral, foi compartilhada a percepção de que a economia enquanto disciplina estava presa a uma estrutura de pensamento conservadora (especialmente nos domínios da economia neoclássica) e muitas vezes equivocada, impedindo o surgimento de alternativas possíveis independentemente de suas qualidades e potencialidades. Paralelamente, o entendimento de que a realidade econômica é complexa, fluida e sujeita a mudanças contínuas para as quais as soluções são inerentemente difíceis irradiou ao debate público, passando a figurar no centro da defesa do pluralismo, seja no contexto de práticas pluralistas voltadas para a pesquisa econômica (FULLBROOK, 2009; GARNETT *et al.*, 2010) ou no ensino e outras práticas (FREEMAN, 2010; GROENEWEGEN, 2007).

Apesar de tudo isso, a crise de 2008 não provocou mudanças profundas na economia acadêmica. Principalmente porque a estrutura institucional da

disciplina permitiu que a economia dominante perpetuasse seu domínio paradigmático (DOBUSCH & KAPPELLER, 2013). As palavras de Gregory Mankiw ao *The New York Times* ilustram bem a situação: “Apesar da enormidade dos eventos recentes, os princípios da economia permanecem praticamente inalterados” (MANKIW, 2009). Ainda assim, o crescente interesse pelo pluralismo na ciência econômica identificado por John E. King (2013) tem se intensificado, *vide* o grande número de livros (este capítulo refere-se a vários) e artigos acadêmicos que têm sido publicados nos últimos anos. As contribuições de John B. Davis (2019), Carlo D’ippolitti (2020), Teemu Lari (2021) e Nina Eichacker (2022) são ilustrativas.

### **3. Objeções dos economistas convencionais ao pluralismo e possíveis respostas heterodoxas**

A maioria das críticas ao pluralismo na ciência econômica vem de representantes da economia dominante. Esta seção sistematiza o conteúdo dessas críticas e apresenta possíveis respostas a cada uma delas.

#### ***Trade-off* entre diversidade e consenso**

O *trade-off* epistemológico entre diversidade de abordagens e consenso na ciência tem raízes antigas, que remontam a Polanyi *et al.* (1962) e Kitcher (1993), e recentemente foi trazido de volta aos holofotes pelo polêmico trabalho de Geoffrey Hodgson (2019, 2021). Segundo ele, quanto mais pluralista é uma ciência, mais difícil é transmitir seu cerne, pois coexistem diversas abordagens teóricas, metodológicas, epistemológicas e até ontológicas, levando a sérios problemas de controle de qualidade no campo da ciência. Três estratégias de enfrentamento comuns são destacadas na literatura (Tabela 4).

**Tabela 4: Diversidade vs. consenso - estratégias de enfrentamento e problemas associados**

<b>Abordagem</b>	<b>Descrição</b>	<b>Problemas associados</b>
Crítica mútua	Apóia-se no trabalho de Caldwell (1988, 1997), para quem a comunicação e a crítica constante podem garantir um certo padrão de qualidade na ciência.	Como a crítica é feita de um ponto de vista particular, não é considerada crítica interna. Além disso, se o crítico opera em uma dimensão diferente daquela criticada, a crítica torna-se opaca. Em suma, a crítica por si só não impediria o "vale tudo".
Implicações práticas	Afirma que não há critérios gerais e se propõe a estudar as condições práticas das teorias para distingui-las.	Tal atitude só é possível quando se trata de pesquisa empírica. Como mostram Gräbner & Strunk (2020), a própria avaliação de afirmações empíricas depende de várias mediações metateóricas, dependendo, por exemplo, do tipo de explicação preferida (por exemplo: funcional versus causal versus preditiva). Assim, é útil apenas em algumas situações específicas. Portanto, não fornece um tratamento exaustivo para o desafio dos critérios de qualidade.
Conjunto de padrão inovador	Propõe um novo conjunto de padrões mais amplo do que os critérios atuais, mas sem delinear claramente os tipos de pesquisa permissíveis (ou "científicas").	Metacritérios como precisão, consistência ou transparência são geralmente desejados por todos porque estão intimamente associados ao rigor científico. No entanto, não se pode dizer com certeza se tais critérios são universalmente aplicáveis ou se são inequívocos em sua formulação. Segundo Gräbner & Strunk (2020), eles consistem, no máximo, em um conjunto de qualidades, e não em padrões rígidos que podem ser aplicados diretamente na avaliação de um determinado problema de pesquisa. Nesse sentido, assemelham-se aos "valores" científicos (Kuhn, 1996 [1962]) identificados na história das ciências naturais.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Gräbner & Strunk (2020)

Diante desses problemas, Gräbner & Strunk (2020) apresentam uma quarta abordagem que funciona como um híbrido entre as três abordagens mencionadas na Tabela 4 e incluem adicionalmente algumas contribuições da filosofia da interdisciplinaridade. Nesta nova abordagem, os critérios de qualidade devem levar em conta tanto o processo (que os autores chamam de “sistema de conhecimento”) pelo qual uma ideia foi gerada quanto a própria ideia. Para tanto, sugerem que os critérios se assemelhem aos “Padrões do Empirismo Contextual Crítico” propostos por Longino (2002), que visam: (I) proporcionar espaços para a crítica (isso inclui espaço em conferências e em periódicos); (II) desenvolver uma cultura de resposta à crítica; (III) fornecer alguns padrões obrigatórios (que devem ser transparentes para a comunidade acadêmica e para o público); (IV) promover a igualdade moderada em termos de autoridade intelectual, de modo que as críticas não sejam avaliadas em termos da posição intelectual do crítico perante a comunidade epistêmica.

No nível mais geral, os autores asseguram que devem prevalecer as virtudes científicas de consistência, transparência e precisão, como sustenta Longino (2002). Ao nível aplicado, sugere avaliações de qualidade que utilizam critérios mais rigorosos e diversificados, selecionados de acordo com o objetivo da investigação em questão – “esta investigação visa previsões concretas?” Cada um deles deve ser confrontado com diferentes procedimentos (GRÄBNER & STRUNK, 2020, p. 14).

### **A ciência econômica já é plural**

Parte da literatura argumenta que a ciência econômica já é suficientemente pluralista:

A ciência econômica é plural! Não está apenas interessada na influência dos incentivos monetários nas decisões das famílias e das empresas. Estuda incentivos intrínsecos, como altruísmo e compaixão, os efeitos de contar histórias e a importância das habilidades interpessoais para carreiras; interessa-se tanto pela política monetária quanto pela discriminação contra

minorias no local de trabalho, analisando os efeitos dos impostos sobre a oferta de trabalho e perguntando em que circunstâncias a informação convence as pessoas; ele aponta o perigo de que os clientes às vezes sejam ingênuos demais para não serem aproveitados. A economia plural trata dos preços dos imóveis, bem como do papel das emoções na política; utiliza abordagens neoclássica, keynesiana e austríaca (BECKER *et al.*, 2017, p. 835, tradução própria).

Becker *et al.* (2017) baseiam a alegação em supostas evidências de pluralismo nas cinco principais revistas de economia, em que afirmam terem publicado artigos sobre cada um dos tópicos declarados em 2017 (*ibid.*, p. 836). Bachmann (2017) faz eco dessa ideia e vai além, asseverando que as críticas pluralistas à economia geralmente se referem a um espantinho. Em ambos os casos (e isso também é verdade para o restante da literatura que apoia essas críticas), encontramos as assertivas de Diane Coyle (2010), que defende ter existido uma intensa mudança pluralista na ciência econômica após a crise de 2008. Coyle observou que a ciência econômica alcançou um *status* mais prático e humano do que nunca como resultado do que ele chamou de “um notável renascimento criativo na ciência econômica” (COYLE, 2010). No entanto, qualificar esse argumento como empiricamente correto depende de considerações sobre a dimensão em questão e do grau de pluralidade de perspectiva (GRÄBNER & STRUNK, 2020).

George A. Akerlof (2020, p.415) aponta que o dicionário Webster dá duas definições diferentes de ciência econômica: (I) “uma ciência social preocupada principalmente com a descrição e análise da produção, distribuição e consumo de bens e serviços”; (II) “teoria, princípios ou práticas econômicas”. A segunda definição, segundo o mesmo autor, corresponde prioritariamente às ferramentas metodológicas ensinadas nos programas de pós-graduação em economia. Ele lança luz sobre um aspecto muito particular da ciência econômica, a saber: nela, o paradigma dominante dita não apenas os tópicos do campo (como qualquer análise baseada em Kuhn [1996] sugeriria), mas também a metodologia apropriada para enfrentá-los (AKERLOF, 2020). A partir dessa perspectiva, a ciência econômica não é, por definição,

metodologicamente pluralista. A questão principal, então, é: ela é teoricamente plural? Parece haver ampla evidência de que não. Akerlof (2020) apresenta três argumentos.

### **I - A “maldição” dos top journals**

O trabalho de James Heckman e seus coautores (2017) mostra que o principal determinante do sucesso de um economista acadêmico são as métricas dos principais periódicos. Isso porque as universidades usam esses indicadores para tomar decisões, com destaque para o número de publicações nos periódicos mais importantes (*top 5*). Por essa razão, assinala Akerlof (2020, p. 409), “professores assistentes em universidades de pesquisa são incapazes de resistir aos ditames dos periódicos”. A esse respeito, os dados apresentados por Card e DellaVigna (2013) são bastante ilustrativos: entre 2008 e 2010, as taxas de aceitação dos cinco principais periódicos foram inferiores a 6%, uma queda de cerca de 60% em relação à taxa média de aceitação de 15% nas décadas anteriores, com os artigos aceitos tornando-se cada vez mais especializados.

### **II - Superespecialização da profissão**

A demanda por alto rigor leva a um viés para abordagens complicadas de pesquisa econômica (AKERLOF, 2020). Os generalistas devem atender aos padrões de precisão de vários domínios, enquanto os especialistas devem atender aos padrões de apenas um domínio. Portanto, é mais fácil ser um cientista “*hardness*” como especialista do que como generalista. Existem também incentivos institucionais à especialização, vide a divisão cada vez mais específica das disciplinas ou a criação de cada vez mais periódicos e congressos acadêmicos de nicho (*ibidem*).

### **III - Preconceito contra novas ideias**

Isso acontece principalmente por dois motivos: (1) antigos assuntos/paradigmas possuem um conjunto de ferramentas (métodos, procedimentos,



bancos de dados, terminologias estabelecidas, fundamentos conceituais desenvolvidos etc.) que auxiliam na pesquisa. Dado o viés em favor de abordagens difíceis observado por Akerlof (2020), os pesquisadores que “trabalham dentro desses paradigmas aceitos têm uma vantagem porque podem emprestar essas ferramentas livremente para apresentar suas ideias com precisão” (*ibidem*, p. 408). Portanto, quem explora uma nova ideia ou trabalha em um campo não pavimentado fica em desvantagem porque deve desenvolver suas próprias ferramentas. Isso aumenta muito a probabilidade de que esse trabalho seja rejeitado por “falta de rigor” (FREY, 2003), o que desestimula os pesquisadores a se aprofundarem em temas dessa natureza; (2) a rigidez metodológica impede qualquer tentativa de desafiar os paradigmas estabelecidos. “Velhas ideias são descartadas apenas quando se mostram inferiores às novas ideias em testes” (AKERLOF, 2020, p. 408).

Desde Friedman (1953), o consenso em economia exige que as ideias forneçam previsões testáveis, tornando a vida especialmente difícil para novos paradigmas. Por todas essas razões, “os jovens economistas acadêmicos que enfrentam o relógio do mandato têm pouca escolha. Mesmo que tenham opiniões diferentes sobre o que é aceitável para editores e revisores, eles devem obedecer” (AKERLOF, 2020, p. 410). O autor afirma que essas características tornam a economia global acadêmica altamente competitiva e deixam pouco espaço para o pluralismo teórico<sup>8</sup>.

O estudo bibliométrico apresentado por Hodgson (2019) corrobora o exposto. Primeiro, mostra a forte prevalência dos conceitos de “utilidade” e “maximização” nas publicações das principais revistas de economia; em segundo lugar, mostra que abordagens inconsistentes com esse significado (mesmo aquelas envolvendo modelagem e formalização, como no caso da teoria de sistemas dinâmicos ou modelos baseados em agentes) permanecem marginalizadas.

---

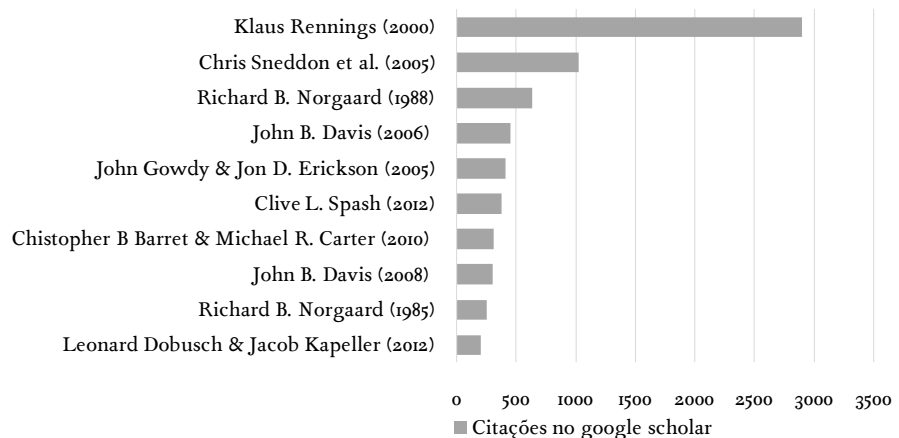
<sup>8</sup> “Em suma, a profissão de economista, especialmente para pesquisadores mais jovens, é altamente competitiva e tem se tornado cada vez mais restrita. O mercado de pesquisa acadêmica, ou seja, periódicos de economia, não deixa aos pesquisadores outra escolha a não ser se curvar aos ditames de editores e revisores, começando com a concepção do artigo” (AKERLOF, 2020, p. 411, tradução do autor).

## Se mais pluralismo fosse necessário, ele surgiria por si só

Alguns críticos do pluralismo enfatizam problemas relacionados ao controle de qualidade na pesquisa. Para eles, o pluralismo está associado a uma espécie de anarquismo acadêmico para o qual qualquer abordagem teórica ou metodológica é válida (BACKHOUSE, 1998). Figuras como David Colander (COLANDER, 2014) já fizeram (ainda que veladas) críticas desse tipo. O autor sugere que a economia heterodoxa se junta às demais ciências sociais no aproveitamento do excessivo pluralismo que as caracteriza. Nessa perspectiva, o que os heterodoxos chamam de falta de pluralismo seria, na verdade, um reflexo da baixa prevalência de um grau de pluralismo que já está além do necessário. Portanto, se desejado ainda mais, traria mais problemas do que soluções (COLANDER, 2014). Há ainda uma parte da literatura que é mais enfática e associa o pluralismo a obstáculos ao progresso e desenvolvimento da própria economia como ciência (GINTIS, 2009; GINTIS *et al.*, 2015).

No entanto, um exame das chamadas mais influentes para o pluralismo na ciência econômica (Figura 1) não revela nenhum “anarquismo” teórico-metodológico.

**Figura 1: Top 10 apelos ao pluralismo na ciência econômica mais citados**



Fonte: Elaboração própria

Klaus Rennings (2000) é de longe a obra mais citada. Tem como tema as inovações no campo do desenvolvimento sustentável. O autor afirma que o pluralismo metodológico característico da economia ecológica se estende ao campo das “ecoinovações”. Como tal, ele caracteriza positivamente o pluralismo enquanto destaca os ganhos potenciais de combinar as contribuições das abordagens neoclássica e (co)evolucionária à economia ambiental e inovações no campo.

Além disso, cinco dos nove trabalhos restantes no *top 10* também estão na categoria economia verde (ecológico/amigo do meio ambiente/sustentável). Isso se explica principalmente pelo fato de que o campo da economia ecológica é um exemplo bem-sucedido de pluralismo na ciência econômica (NORGAARD, 1988). Nesse grupo de estudos, alguns exaltam os benefícios do pluralismo metodológico e o endossam (*ibidem*) ou o estendem e adicionam modelagem baseada em agentes ao seu escopo (GOWDY & ERICKSON, 2005); um artigo sugere um retorno ao pluralismo filosófico/epistemológico (NORGAARD, 1985); e outro clama por um maior pluralismo epistemológico (SNEDDON *et al.*, 2005). Finalmente, um uma das contribuições é dedicado a desmascarar a crítica ao pluralismo na economia ecológica, particularmente a crítica do tipo “vale tudo” (SPASH, 2012).

Os demais trabalhos são mais heterogêneos: identificam e celebram o pluralismo emergente na economia acadêmica desde os anos 1980 (DAVIS, 2006); apelam ao pluralismo metodológico como ferramenta para contrariar as armadilhas da aplicação dos modelos de RCT (BARRET & CARTER, 2010); debatem o que é mais provável: que a ciência econômica convirja para um novo paradigma dominante ou para o pluralismo (DAVIS, 2008). Em nenhuma das obras mencionadas os autores transmitem a ideia de um anarquismo ou pluralismo metodológico onde “vale tudo”.

Por fim, as contribuições de Dobusch e Kapeller (2012), além de apelar para o pluralismo interessado na heterodoxia, fornecem uma breve revisão da literatura sobre a distinção entre pluralismo e relativismo. Primeiramente, os autores mostram como a literatura tem rejeitado incessantemente o “vale

tudo” epistemológico com base em três princípios básicos: (I) respeitar a lógica, a consistência e a estabilidade dos significados nos argumentos; (II) aderir às regras mínimas da boa argumentação (MARQUÉS & WEISMAN, 2008, p. 117); e (III) “buscar sistematicamente o conhecimento, seja na forma de fatos ou regularidades” (DOBUSCH & KAPPELLER, 2012).

Em relação à consciência ontológica, os autores defendem que isso “não significa aceitar certas proposições de forma acrítica, mas sim que devem ser reunidas as condições para compreender e avaliar obras com diferentes fundamentos ontológicos” (*ibid.*). Finalmente, “tolerar hipóteses alternativas àquela que você prefere não requer uma visão relativista” (*ibid.*). À luz disso, eles enfatizam que, no nível mais geral, a literatura pluralista compartilha a premissa geral do falibilismo de que reconhecer a possibilidade de que qualquer proposição (incluindo a própria) possa ser falsa deve garantir um discurso tolerante (*ibid.*). Bigo & Negru (2008) e Dow (2008) são contribuições importantes que abordam esta questão. Mesmo os trabalhos que se posicionam de forma mais radical em relação à demanda por mais pluralismo na ciência econômica (MARQUÉS & WEISMAN, 2008) não revelam essas intenções.

#### **4. Uma defesa normativa do pluralismo na ciência econômica**

A promoção do pluralismo em economia é uma questão normativa porque envolve um juízo de valor sobre a importância da diversidade de ideias e perspectivas para a geração de conhecimento econômico e compreensão da realidade econômica. Isso significa, sem qualificação, reconhecer que diferentes teorias e abordagens podem ser úteis para entender diferentes aspectos da economia e que nenhuma teoria ou abordagem é capaz de fornecer uma explicação completa e definitiva de como a economia funciona.

A ciência econômica lida com fenômenos de natureza holística. Portanto, a disciplina deve reconhecer que os diferentes aspectos da realidade econômica estão interligados e que, dessa forma, uma análise fragmentada ou

unilateral pode levar a uma compreensão limitada e imprecisa (DA GAMA CERQUEIRA, 2002). Uma perspectiva holística em economia enfatiza a importância de considerar a complexidade dos sistemas biológicos e os diversos fatores que influenciam as decisões dos atores psicológicos, como instituições, normas sociais, relações de poder, reflexos e expectativas (GYLYS, 2008). Nessa perspectiva, promover o pluralismo na ciência econômica não é apenas uma questão de diversidade de ideias, mas também uma abordagem metodológica que visa integrar diferentes perspectivas para alcançar uma compreensão mais abrangente e precisa da realidade econômica.

Em outras ciências, também complexas, o pluralismo tem contribuído com sucesso para o progresso (Redding, 2001, e Teo, 2010, são exemplos para o campo da psicologia; e Della Porta, 2008, para as ciências sociais), onde múltiplas abordagens teóricas coexistem e têm contribuído para o desenvolvimento do campo. Por exemplo, ao considerar uma ampla gama de pontos de vista e teorias, os economistas têm acesso a uma ampla gama de informações que lhes permite avaliar com mais precisão as consequências de uma decisão econômica. Uma maneira de fazer isso é destacando as limitações das teorias ou modelos econômicos predominantes. Ao considerar outras perspectivas teóricas, é possível desafiar os pressupostos e limitações desses modelos, tornando-os mais precisos e aplicáveis à realidade. Além disso, a inclusão de múltiplas perspectivas permite a identificação de diferentes soluções para os mesmos problemas, possibilitando uma avaliação crítica e uma escolha mais informada, reduzindo os vieses e as limitações associadas a cada abordagem.

Outra área em que o pluralismo pode melhorar a tomada de decisões é na melhoria do consenso. Ao incorporar diferentes perspectivas teóricas, o pluralismo permite que diferentes atores e grupos tenham voz nas discussões econômicas. Isso leva a um melhor entendimento e diálogo e pode ajudar a construir um consenso mais amplo sobre políticas econômicas apropriadas do que o promovido pela teoria econômica convencional. A abordagem pluralista promove a participação de diversos grupos e

setores na tomada de decisões econômicas e permite que grupos tradicionalmente excluídos – como comunidades indígenas ou organizações de base – participem de forma mais significativa nas políticas econômicas que os afetam. Isso não apenas é mais equitativo, mas também pode levar a políticas mais eficazes e adaptadas às necessidades das populações afetadas.

Nesse sentido, a diversidade de perspectivas pode desempenhar o papel de uma fonte adicional de criatividade que pode contribuir com diferentes soluções para problemas não resolvidos (ou mal resolvidos) em economia, especialmente aqueles relacionados a fenômenos econômicos complexos. Além disso, diferentes escolas de pensamento podem fornecer soluções únicas e inovadoras para problemas que a teoria econômica padrão tem negligenciado. Por exemplo, a economia comportamental forneceu informações importantes sobre o comportamento humano e seu impacto na tomada de decisões econômicas. A economia feminista forneceu uma nova perspectiva sobre questões de gênero e desigualdade econômica. Todas essas abordagens podem fornecer soluções inovadoras para problemas tradicionalmente não resolvidos.

A coexistência de diferentes abordagens teóricas e metodológicas aumenta, portanto, a capacidade da disciplina de se adaptar às mudanças no mundo real. Isso ocorre porque, em um ambiente pluralista, diferentes escolas de pensamento e abordagens têm a oportunidade de oferecer respostas e soluções diferentes e complementares para novas questões econômicas ou desafios familiares. Dessa forma, a maior adaptabilidade advinda do pluralismo pode ajudar a ciência econômica a se tornar mais sensível a diferentes contextos culturais e históricos. Finalmente, diferentes abordagens podem vir de diferentes tradições culturais e ser mais adequadas para abordar questões específicas em diferentes contextos.

Em suma, a diversidade epistêmica, ou seja, a diversidade de formas de conhecimento e métodos em economia, é essencial para a construção de uma ciência mais robusta e completa. Cada abordagem e perspectiva traz seus próprios *insights*, teorias, métodos e resultados, o que enriquece a

compreensão da complexidade do mundo econômico. A diversidade epistêmica é capaz de impulsionar a pesquisa em diferentes direções e permite a exploração de tópicos que uma única abordagem não poderia abordar.

### **Observações finais**

O apelo por mais pluralismo na ciência econômica tem uma longa história, que se intensificou em alguns momentos. Nesse sentido, a crise financeira de 2008 representa a mais recente e intensa onda de apelos por uma ciência mais inclusiva e pluralista, mas que ainda não produziu resultados significativos. Dada a resistência da profissão em incorporar novos métodos e novas perspectivas epistêmicas em seu domínio analítico, este artigo apresenta uma síntese das críticas mais comuns ao pluralismo na ciência econômica e as contrasta com as respostas de perspectivas heterodoxas.

O exercício forneceu evidências de que as objeções dos economistas convencionais ao pluralismo na ciência econômica refletem, muito mais do que problemas concretos, os preconceitos dos economistas convencionais sobre o potencial explicativo de abordagens alternativas e dissidentes. Embora a natureza da rejeição esteja além do escopo deste ensaio, parece óbvio que ela está intimamente relacionada à rigidez das instituições acadêmicas e profissionais que moldam a profissão de economista, como departamentos de economia e associações profissionais. A inércia acadêmica, ou seja, a resistência dessas instituições acadêmicas em adotar mudanças significativas na teoria e na prática, pode ter sido um fator importante para manter os hábitos de pensamento (HODGSON, 2004) dos economistas relativamente inalterados. Isso pode e deve ser explorado em trabalhos futuros.

## Referências

- AKERLOF, George A. Sins of Omission and the Practice of Economics. *Journal of Economic Literature*, v. 58, n. 2, p. 405-18, 2020
- ANDERSSON, Claes; TÖRNBERG, Anton; TÖRNBERG, Petter. Societal systems—complex or worse?. *Futures*, v. 63, p. 145-157, 2014
- BACHMANN, Rüdiger. Zur aktuellen Pluralismusdebatte in der Ökonomik: Ansichten eines wohlwollenden Pluralismusskeptikers. *Wirtschaftsdienst*, v. 97, n. 12, p. 843-847, 2017
- BACKHOUSE, Roger E. "Should economics embrace postmodernism?" (p. 134-145) In: BACKHOUSE, Roger E (Ed) *Explorations in economic methodology: from Lakatos to empirical philosophy of science*. Routledge, 2006
- BADEEN, Dennis. Ontology, pluralism, and economics education. *International Journal of Pluralism and Economics Education*, v. 4, n. 2, p. 210-223, 2013
- BARRETT, Christopher B.; CARTER, Michael R. The power and pitfalls of experiments in development economics: Some non-random reflections. *Applied economic perspectives and policy*, v. 32, n. 4, p. 515-548, 2010
- BECKENBACH, F. Monism in modern science: the case of economics. In: *Advancing Pluralism in Teaching Economics*. Routledge, p. 31-54, 2018
- BECKER, Johannes et al. Wirtschaftswissenschaften: zu wenig Pluralität der Methoden und Forschungsrichtungen?. *Wirtschaftsdienst*, v. 97, n. 12, p. 835-853, 2017
- BENARTZI, Shlomo; THALER, Richard. Heuristics and biases in retirement savings behavior. *Journal of Economic perspectives*, v. 21, n. 3, p. 81-104, 2007
- BERTOCCO, Giancarlo. *Crisis and the failure of economic theory: The responsibility of economists for the Great Recession*. Edward Elgar Publishing, 2017
- BIGO, Vinca; NEGRU, Ioana. From fragmentation to ontologically reflexive pluralism. *Journal of Philosophical Economics*, v. 1, n. 2, p. 127-150, 2008
- BIGO, Vinca. "The Cambridge School and Pluralism." In: *Economic Pluralism*, (Ed) Robert Garnett, (Ed) Erik K. Olsen e (Ed) Martha Starr, p. 114-135. London: Routledge, 2010
- BÖGENHOLD, Dieter. From heterodoxy to orthodoxy and vice versa: Economics and social sciences in the division of academic work. *American Journal of Economics and Sociology*, v. 69, n. 5, p. 1566-1590, 2010
- BOLAND, L. *Critical Economic Methodology: a personal odyssey*. Routledge, 2005 [1997]
- CALDWELL, Bruce. Some comments on Lawson's reorienting economics: Same facts, different conclusions. In: *Ontology and Economics*. Routledge, 2008, p. 25-31
- CALDWELL, Bruce. "The case for pluralism" (p.231-244) In: DE MARCHI, Neil (Ed). *The popperian legacy in economics*. Cambridge University Press, 1988
- CALDWELL, Bruce. "Varieties of pluralism: Commentes on Samueels and Dow" In: SALANTI, Andrea; SCREPANTI, Ernesto (Ed.). *Pluralism in economics: new perspectives in history and methodology*. Edward Elgar Publishing, 1997
- CARD, David; DELLAVIGNA, Stefano. Nine facts about top journals in economics. *Journal of Economic Literature*, v. 51, n. 1, p. 144-61, 2013
- CHUN, Christian W. *The discourses of capitalism: Everyday economists and the production of common sense*. Routledge, 2017
- COLANDER, D. "How did macroeconomic theory get so far off the track, and what can heterodox macroeconomists do to get in back on track?" In: HEIN, E; NIECHOJ, T; STOCKHAMMER,



- E. *Macroeconomic Policies on Shaky Foundations—Whither Mainstream Economics?* IMK at the Hans Boeckler Foundation, Macroeconomic Policy Institute, 2009a
- COLANDER, D; HOLT, Richard PF; ROSSER, J. B. Live and dead issues in the methodology of economics. *Journal of Post Keynesian Economics*, v. 30, n. 2, p. 303-312, 2007
- COLANDER, D. Moving Beyond the Rhetoric of Pluralism. *Economic pluralism*, v. 122, p. 36, 2009b
- COLANDER, D. Post Walrasian macroeconomics and heterodoxy: thinking outside the heterodox box. *International Journal of Political Economy*, v. 33, n. 2, p. 68-81, 2003
- COLANDER, D; VAN EES, H. *Post Walrasian macroeconomic policy*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996
- COLANDER, D. The death of neoclassical economics. *Journal of the history of Economic Thought*, v. 22, n. 2, p. 127-143, 2000
- COLANDER, D; HOLT, R; ROSSER JR, Barkley. The changing face of mainstream economics. *Review of Political Economy*, v. 16, n. 4, p. 485-499, 2004
- COLANDER, D et al. The financial crisis and the systemic failure of academic economics. Univ. of Copenhagen Dept. of Economics *Discussion Paper*, n. 09-03, 2009
- COLANDER, D. The wrong type of pluralism: toward a transdisciplinary social science. *Review of Political Economy*, v. 26, n. 4, p. 516-525, 2014
- COYLE, Diane. *The soulful science: What economists really do and why it matters*. Princeton University Press, 2010
- DA GAMA CERQUEIRA, Hugo EA. A Economia Evolucionista: Um capítulo sistêmico da teoria econômica?. *Análise econômica*, v. 20, n. 37, 2002
- DAVIDSON, Paul. *The Keynes solution: the path to global economic prosperity*. St. Martin's Press, 2009
- DAVIS, John B. Specialization, fragmentation, and pluralism in economics. *The European Journal of the History of Economic Thought*, v. 26, n. 2, p. 271-293, 2019
- DAVIS, John B. The turn in recent economics and return of orthodoxy. *Cambridge Journal of Economics*, v. 32, n. 3, p. 349-366, 2008
- DAVIS, J. B. The turn in economics: neoclassical dominance to mainstream pluralism? *Journal of institutional economics*, v. 2, n. 1, p. 1-20, 2006
- DELLA PORTA, Donatella; KEATING, Michael (Ed.). *Approaches and methodologies in the social sciences: A pluralist perspective*. Cambridge University Press, 2008
- DEQUECH, David. Applying the Concept of Mainstream Economics outside the United States: General Remarks and the Case of Brazil as an Example of the Institutionalization of Pluralism. *Journal of Economic Issues*, v. 52, n. 4, p. 904-924, 2018
- DEQUECH, David. Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics. *Journal of Post Keynesian Economics*, v. 30, n. 2, p. 279-302, 2007
- D'IPPOLITI, C. *Democratizing the Economics Debate: Pluralism and Research Evaluation*. Routledge, 2020
- DOBUSCH, L; KAPPELLER, J. Heterodox United vs. Mainstream City? Sketching a framework for interested pluralism in economics. *Journal of Economic Issues*, v. 46, n. 4, p. 1035-1058, 2012
- DOW, S. History of thought and methodology in pluralist economics education. *International Review of Economics Education*, v. 8, n. 2, p. 41-57, 2009

- DOW, S. Pluralist economics: is it scientific? (p.13-30). In: (Org) DECKER, Samuel; (Org) ELSNER, W.; (Org) *Teaching Economics in the 21st Century*. Routledge, 2018. p. 13-30. FLECHTNER, S. *Advancing Pluralism in Teaching Economics*. Routledge, 2018
- DOW, Sheila C. Plurality in orthodox and heterodox economics. *Journal of Philosophical Economics*, v. 1, n. 2, p. 73-96, 2008
- DUTT, A.K. On Post Walrasian economics, macroeconomic policy, and heterodox economics. *International Journal of Political Economy*, v. 33, n. 2, p. 47-67, 2003
- FEHR, Ernst; SCHMIDT, Klaus M. A theory of fairness, competition, and cooperation. *The quarterly journal of economics*, v. 114, n. 3, p. 817-868, 1999
- FEHR, Ernst; SCHMIDT, Klaus M. On inequity aversion: A reply to Binmore and Shaked. *Journal of economic behavior & organization*, v. 73, n. 1, p. 101-108, 2010
- EICHACKER, Nina. Pluralist Economics as a Democratizing Force: A Review Essay. *Review of Political Economy*, p. 1-10, 2022
- FREEMAN, Alan. The economists of tomorrow: The case for assertive pluralism in economics education. *American Journal of Economics and Sociology*, v. 69, n. 5, p. 1591-1613, 2010
- FREY, Bruno S. Publishing as prostitution? Choosing between one's own ideas and academic success. *Public choice*, v. 116, n. 1, p. 205-223, 2003
- FRIEDMAN, Milton. *Essays in positive economics*. University of Chicago Press, 1953
- GIGERENZER, Gerd; BERG, Nathan. As-if behavioral economics: Neoclassical economics in disguise? *As-If Behavioral Economics*, p. 1000-1033, 2010
- GIGERENZER, Gerd; GAISSMAIER, Wolfgang. Heuristic decision making. *Annual review of psychology*, v. 62, n. 1, p. 451-482, 2011
- GIGERENZER, Gerd; SELTEN, Reinhard (Ed.). *Bounded rationality: The adaptive toolbox*. MIT press, 2002
- GINTIS, Herbert. *The Bounds of Reason: Game Theory and the Unification of the Behavioral Sciences- Revised Edition*. Princeton University Press, 2014
- GINTIS, Herbert et al. Homo socialis: An analytical core for sociological theory. *Review of Behavioral Economics*, v. 2, n. 1-2, p. 1-59, 2015
- GODDARD, Jessica J.; KALLIS, Giorgos; NORGAARD, Richard B. Keeping multiple antennae up: Coevolutionary foundations for methodological pluralism. *Ecological Economics*, v. 165, p. 106420, 2019
- GOUGE, William M. *A Short History of Paper-money and Banking in the United States: Including an Account of Provincial and Continental Paper-money. To which is Prefixed, An Inquiry Into the Principles of the System*. Philadelphia, Printed by TW Ustick, 1833
- GOWDY, John; ERICKSON, Jon D. The approach of ecological economics. *Cambridge Journal of Economics*, v. 29, n. 2, p. 207-222, 2005
- GRÄBNER, C.; STRUNK, B. Pluralism in economics: its critiques and their lessons. *Journal of Economic Methodology*, v. 27, n. 4, p. 311-329, 2020
- GROENEWEGEN, J (Ed.). *Teaching pluralism in economics*. Edward Elgar Publishing, 2007.
- GYLYS, Povilas. On the scope of the science of economics: a holistic approach. *Transformations in Business & Economics*, v. 7, n. 3, 2008
- HANS, Albert. *Treatise on critical reason*. Trans. MV Rorty. Princeton: Princeton University Press, 1985

- HECKMAN, James J. et al. Publishing and promotion in economics: the curse of the top five. *AEA Roundtable Discussion at ASSA in Chicago*. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/webcasts/2017/curse.Php>, 2017. Acesso em 10 de setembro de 2022
- HEISE, A. Pluralism in economics: inquiries into a daedalian concept. *Discussion Paper 51*, Zentrum für Ökonomische und Soziologische Studien, University of Hamburg, 2015
- HODGSON, Geoffrey; MÄKI, Uskali; MCCLOSKEY, Donald. A plea for a rigorous and pluralistic economics. *American Economic Review*, v. 82, n. 2, p. 1992, 1992
- HODGSON, Geoffrey M. Debating the Future of Heterodox Economics. *Journal of Economic Issues*, v. 55, n. 3, p. 603-614, 2021
- HODGSON, Geoffrey M. *Is There a Future for Heterodox Economics? Institutions, Ideology and a Scientific Community*. Edward Elgar Publishing, 2019
- HODGSON, Geoffrey M. Reclaiming habit for institutional economics. *Journal of economic psychology*, v. 25, n. 5, p. 651-660, 2004
- HODGSON, Geoffrey M. The approach of institutional economics. *Journal of economic literature*, v. 36, n. 1, p. 166-192, 1998
- HODGSON, Geoffrey M. Will economists wake up in 2009? *Revue du MAUSS*, v. 33, n. 1, p. 253-260, 2009
- JEVONS, W.S. *The theory of political economy*. Macmillan and Company, 1871
- KING, John E. A case for pluralism in economics. *The Economic and Labour Relations Review*, v. 24, n. 1, p. 17-31, 2013
- KITCHER, Philip. *The advancement of science: Science without legend, objectivity without illusions*. Oxford University Press on Demand, 1993
- KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, [1962] 1996
- LARI, Teemu. When does complementarity support pluralism about schools of economic thought? *Journal of Economic Methodology*, v. 28, n. 3, p. 322-335, 2021
- LAVOIE, Marc. Do heterodox theories have anything in common? A post-Keynesian point of view. *European Journal of Economics and Economic Policies: Intervention*, v. 3, n. 1, p. 87-112, 2006
- LAVOIE, Marc. *Post-Keynesian Economics: New Foundations*. Edward Elgar Publishing, 2014
- LAWSON, Tony. Contemporary economics and the crisis. *real-world economics review*, v. 50, p. 122-131, 2009
- LAWSON, Tony. Heterodox economics and pluralism: reply to Davis. In: *Ontology and Economics*. Routledge, 2008. p. 105-141
- LAWSON, Tony. "Modern Economics: The Problem and a Solution." In: *A Guide to What's Wrong in Economics*, (Ed) Edward Fullbrook, p. 21-32. London: Anthem, 2004
- LAWSON, T. The nature of heterodox economics. *Cambridge Journal of Economics*, v. 30, n. 4, p. 483-505, 2006
- LAZEAR, Edward P. Economic imperialism. *Quarterly Journal of economics*, v. 115, n. 1, p. 99-146, 2000
- LEE, F.S. A case for ranking heterodox journals and departments. *On the Horizon*, 2008
- LEE, Frederic S.; ELSNER, Wolfram (Ed.). "Editors' Introduction" In: *Evaluating economic research in a contested discipline: rankings, pluralism, and the future of heterodox economics*. Wiley-Blackwell, 2010
- LEE, Frederic S. Heterodox economics and its critics I. In: *In Defense of Post-Keynesian and Heterodox Economics*. Routledge, 2012. p. 104-132

- LEE, Frederic S. "Heterodox Economicx" In: Durlauf & Blume (Eds), *The New Palgrave Dictionary of Economics Online*, London: Palgrave Macmillan, 2008
- LEE, F. S. *A History of Heterodox Economics: Challenging the mainstream in the twentieth century*. Routledge, 2009
- LEE, Frederic S.; KEEN, Steve. The incoherent emperor: A heterodox critique of neoclassical microeconomic theory. *Review of Social Economy*, v. 62, n. 2, p. 169-199, 2004
- LEE, F. S. The pluralism debate in heterodox economics. *Review of Radical Political Economics*, v. 43, n. 4, p. 540-551, 2011
- LONGINO, H. E. *The Fate of Knowledge*. Princeton University Press. NJ and Oxford, UK, 2002
- MCGOLDRICK, Kim Marie; PETERSON, Janice. Significant learning and civic education: shifting frameworks for teaching in light of learning about the financial crisis. *JSEE-Journal of Social Science Education*, vol. 10, n.3, p.16-25, 2009
- MAKI, U. "The one world and the many theories". In A. Salanti & E. Screpanti (Orgs), *Pluralism in Economics*. New Perspectives in History and Methodology, p. 37-47. Cheltenham: Edward Elgar, 1997
- MANKIWI, N. Gregory. *That freshman course won't be quite the same*. New York Times, v. 23, 2009
- MARQUÉS, Gustavo; WEISMAN, Diego. Not anything goes: a case for a restricted pluralism. *Journal of Philosophical Economics*, v. 2, n. 1, p. 115-136, 2008
- MEARMAN, Andrew. Pluralism, heterodoxy, and the rhetoric of distinction. *Review of Radical Political Economics*, v. 43, n. 4, p. 552-561, 2011
- NORGAARD, Richard B. Environmental economics: an evolutionary critique and a plea for pluralism. *Journal of Environmental Economics and Management*, v. 12, n. 4, p. 382-394, 1985
- NORGAARD, Richard B. The case for methodological pluralism. *Ecological economics*, v. 1, n. 1, p. 37-57, 1988
- O'HARA, P.A. Principles of institutional-evolutionary political economy—Converging themes from the schools of heterodoxy. *Journal of Economic Issues*, v. 41, n. 1, p. 1-42, 2009
- PAYSON, Steven. *How Economics Professors Can Stop Failing Us: The Discipline at a Crossroads*. Lexington Books, 2017
- PETERSON, Janice. Economics education after the crisis: Pluralism, history, and institutions. *Journal of Economic Issues*, v. 47, n. 2, p. 401-410, 2013
- POLANYI, Michael; ZIMAN, John; FULLER, Steve. The republic of science: its political and economic theory *Minerva*, 1 (1)(1962), 54-73. *Minerva*, v. 38, n. 1, p. 1-32, 2000
- POPPER, Karl. *The logic of scientific discovery*. Routledge, 2005 [1935]
- REARDON, J (Ed.). *The handbook of pluralist economics education*. London: Routledge, 2009
- REDDING, Richard E. Sociopolitical diversity in psychology: The case for pluralism. *American Psychologist*, v. 56, n. 3, p. 205, 2001
- RENNINGS, Klaus. Redefining innovation—eco-innovation research and the contribution from ecological economics. *Ecological economics*, v. 32, n. 2, p. 319-332, 2000
- SAMUELS, Warren J. "Methodological Pluralism." In: *Handbook of Economic Methodology*, (Ed) John B. Davis, (Ed) D. Wade Hands e (Ed) Uskali Mäki, p. 300-303. Cheltenham (UK): Edward Elgar, 1998
- SCREPANTI, Ernesto; ZAMAGNI, Stefano. *An outline of the history of economic thought*. OUP Oxford, 2005
- SNEDDON, Chris; HOWARTH, Richard B.; NORGAARD, Richard B. Sustainable development in a post-Brundtland world. *Ecological Economics*, v. 57, n. 2, p. 253-268, 2006
- SPASH, Clive L. New foundations for ecological economics. *Ecological Economics*, v. 77, p. 36-47, 2012

- STOCKHAMMER, Engelbert; RAMSKOGLER, Paul. Post-Keynesian economics—how to move forward. *European Journal of Economics and Economic Policies: Intervention*, v. 6, n. 2, p. 227-246, 2009
- TEO, Thomas. Ontology and scientific explanation: Pluralism as an a priori condition of psychology. *New Ideas in Psychology*, v. 28, n. 2, p. 235-243, 2010
- TÖRNBERG, Petter. Complex realist economics: toward an ontology for an interested pluralism. *Review of Social Economy*, v. 76, n. 4, p. 509-534, 2018
- VAN-HEUR, Ban; BASSENS, David. An urban studies approach to elites: Nurturing conceptual rigor and methodological pluralism. In: *Disclosing Elite Ecologies*. Routledge, 2021. p. 1-13. WALRAS, L. *Elements of Pure Economics*, 1926, rev ed. 1926, Engl transl, 1926 [1874]
- WATANABE, Tsuneo. Metascientific foundations for pluralism in psychology. *New Ideas in Psychology*, v. 28, n. 2, p. 253-262, 2010
- WILLIAMSON, Oliver E. The new institutional economics: taking stock, looking ahead. *Journal of Economic Literature*, v. 38, n. 3, p. 595-613, 2000